

Sobre os BA's em Cabo Delgado (conclusão)

Voltou o sorriso em Matiquiti

por Albano Naroromele

Tornei a visitar Matiquiti, uma semana depois. Havia igualmente uma semana que pouco mais de uma centena de homens, mulheres e crianças tinham sido libertados do cativeiro dos «anannyatha» (nome dos bandidos armados em Cabo Delgado). Havia, portanto, sete dias que estes camponeses, juntamente com outros que não estiveram a viver compulsivamente com os bandeirantes no mato, tinham começado a reconstruir a sua aldeia, destruída em meados do ano passado pelos «anannyatha».

O primeiro facto que me chamou a atenção foi que em lado nenhum se viam estacas meio queimadas, a indicar as ruínas das casas destruídas pelo fogo dos criminosos. Viam-se, isso sim, palhotas em construção, povoadas quase na sua totalidade. Quer dizer, em vez de maticar (rebocar com barro), os camponeses fizeram paredes de capim.

Os telhados, porém receberam um tratamento mais cuidado, porque os construtores sabem que **a chuva não vai demorar e a gente não quer apanhar molha**, disse-me um deles, acrescentando que quanto ao carácter provisório das palhotas, isso é determinado **também pelo escasso tempo que nos separa das chuvas**.

— **As casas maticadas levam muito tempo a acabar** — explicou — **e nós precisamos desse tempo para nos prepararmos de modo que as chuvas não nos apanhem sem termos aberto as nossas machambas. Não há tempo a perder.**

Uma preocupação legítima esta dos camponeses de Matiquiti, sobre quem pesa a tarefa de recomeçar do zero para atingir o nível de vida que os bandidos armados destruíram há mais de um ano. Não é preciso fazer grandes juízos para perceber que em Matiquiti, uma aldeia da localidade de Meloco, distrito de Montepuez, a força e o ritmo da reconstrução têm como galvanizadores o ódio aos bandidos armados.

Nesta minha segunda deslocação a Matiquiti, faço parte de uma comitiva do dirigente da província de Cabo Delgado, Alberto Chipande. No centro da aldeia recebeu-nos uma população movimentada e sorridente. Todos os habitantes estavam bem vestidos — incluindo os camponeses libertados na tarde do dia anterior — de tal modo que já não era possível distinguir facilmente entre os ex-cativos e a população que não esteve a viver compulsivamente com os «anannyatha».

A roupa que os ex-cativos traziam é resultado do movimento de solidariedade que se tem registado quer a nível provincial, quer aos níveis nacional e internacional, em apoio às vítimas dos bandidos armados.

Os corpos dos recém-libertados, cheios de graves enfermidades, ainda denunciavam a fragilidade, e a indumentária, embora decente e nova, não consegue disfarçar as costelas que se contam à flor da pele. Uma semana de liberdade não é suficiente para fazer desaparecer todas as marcas de um cativeiro de terror e morte. Mas aqueles sete dias de liberdade já conseguiram trazer a esperança nos olhos, estes embora ainda chupados para longe das

órbitas, e ressuscitaram nos rostos dos ex-cativos o sorriso assassinado pelos «anannyatha».

Voltou, pois, o sorriso em Matiquiti, esta comunidade que apenas é um exemplo de muitas outras na província, que, por terem sido vítimas dos bandos armados, estão agora a ser reconstruídas a partir do zero pelos seus habitantes. **Estes «anannyatha» podem queimar as casas, mas não conseguem destruir as aldeias** — dizia-me um camponês em conversa animada, mas séria, o que se pode confirmar pelo alcance da sua afirmação.

Registei outro facto não menos importante nesta minha segunda visita a Matiquiti. O rufar de um dos tambores de dança, numa pequena festa de recepção ao General do Exército, Alberto Chipande, era produzido por um ex-cativo. Tive a oportunidade de dizer em trabalhos anteriores, que no mato, para onde tinham sido raptados, os camponeses não dançavam nem cantavam.

Tocado por aquele ex-cativo, o tambor parecia gemer de alegria, como um prisioneiro que, após prolongado tempo numa prisão sem luz, consegue derrubar as grades com a sua própria força de vontade para, lá fora, beneficiar do direito ao calor do sol da liberdade. As crianças, por outro lado, que na primeira visita tinham um olhar diferente e moribundo, agora disputavam a dança com os mais velhos, num entusiasmo que provocava inveja em quem não possui jeito de dançar.

A quase totalidade das mulheres recém-libertadas não permitiram, na primeira visita, os seus corpos a entregar-se completamente às ordens do ritmo do tambor e das canções. Isto, porque além do medo, o seu estado de nudez era tal que ao mínimo movimento (confessaram-me algumas) a tanga de cascas de árvores deixava o corpo inteiramente descoberto. Desta vez, as mulheres mostravam que, nem o terror, nem a morte conseguiram destruir a beleza do gesto feminino exibido através da arte de dançar.

Era impossível afastar da mente, a imagem de Matiquiti, em reconstrução, quando deixei a comunidade com destino a Meculane, já no distrito de Chire, onde, à semelhança da aldeia anterior, os camponeses reconstróem sobre as ruínas.